



CAMINHOS PARA A SUSTENTABILIDADE: DA INDIVIDUALIZAÇÃO DA METRÓPOLE ÀS CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO DE ECOVILAS

Gabriela Gazola Brandão ¹

RESUMO

Este trabalho visa questionar a adequação da individualização característica do modo de vida metropolitano contemporâneo aos propósitos e preceitos da ideia de sustentabilidade - conceito cujas interpretações serão aqui também revisadas e questionadas. O trabalho apresentará brevemente o movimento de ecovilas com o intuito de sugerir atenção a seus fundamentos e propostas, que parecem indicar um caminho mais próximo àqueles delineados pelos ideais de sustentabilidade. Os paradigmas que apoiam o processo de individualização e aqueles que sustentam o movimento de ecovilas serão brevemente investigados e relacionados ao conceito de sustentabilidade. A autora considera relevante a reflexão acerca das bases filosóficas e de valores nas quais se fundamenta o conceito de sustentabilidade a fim de buscar coerência entre discurso e prática. Se está-se buscando uma condição sustentável, fica assumido que a condição presente não o é. A investigação se pautará em uma revisão de literatura científica pertinente ao tema e aos conceitos em questão. Este trabalho não pretende abarcar amplamente o tema, mas esboçar diretrizes de pensamentos que possam contribuir para a avaliação dos valores e ações que têm sido adotados ao mesmo tempo em que se faz presente o discurso de busca por sustentabilidade. Especula-se que, com base nos padrões sociais firmados especialmente nas metrópoles - com destaque para a individualização, que será apresentada -, o almejado desenvolvimento sustentável seja inviabilizado. Já que, como será discutido, ele vai além de iniciativas pontuais, requerendo uma abordagem mais ampla de interdependência entre os processos humanos e os ambientais.

PALAVRAS-CHAVE: Sustentabilidade. Individualização. Ecovilas.

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense - UFF.
E-mail: gabibrandao@ymail.com



PATHS FOR SUSTAINABILITY: FROM METROPOLIS' INDIVIDUALIZATION TO THE ECOVILLAGES MOVEMENT'S CONTRIBUTIONS

ABSTRACT

This paper objective is to question the individualization adequacy, characteristic of the contemporaneous metropolitan lifestyle, to the purposes and principles of sustainability idea. These concept interpretations will also be revised and questioned here. Furthermore, this paper will shortly present the eco village concepts with intention to suggest attention to its fundamentals and proposals, which seem to indicate a nearer path to those delineated for the sustainability ideals. The paradigms that support the process of individualization and those who support the eco villages movement will be briefly investigated, relating them to the sustainability concept. The author considers relevant the reflection on the philosophical foundations and values on which is based the concept of sustainability, in order to seek coherence between discourse and practice. If it is being sought a sustainable condition, it is assumed that the current condition is not. The investigation will be guided on a scientific literature review relevant to the theme and concepts in question. This paper does not intend to widely span the theme, but sketch guidelines of thoughts that may contribute to the assessment of values and actions that have been adopted while the search for sustainability discourse is present. It is speculated that, based on social standards especially established in metropolis – with emphasis on individualization, which will be presented - the desired sustainable development might be impossible. Since, as will be discussed, it goes beyond specific initiatives, requiring a broader approach of interdependence between human and environmental processes.

KEY-WORDS: Sustainability. Individualization. Ecovillages.

CAMINOS PARA LA SUSTENTABILIDAD: DE LA INDIVIDUALIZACIÓN DE LA METRÓPOLI A LAS CONTRIBUCIONES DE EL MOVIMIENTO DE ECOVILLAS

RESUMEN

Este trabajo pretende cuestionar la adecuación de la individualización característica de la vida metropolitana contemporánea a los propósitos y preceptos de la idea de sustentabilidad. Serán aquí revisadas y cuestionadas las interpretaciones de este concepto. Además, este trabajo presentará brevemente las ecovillas con el propósito de sugerir atención a sus fundamentos y propuestas, que parecen indicar un camino más próximo a los ideales de sustentabilidad. Serán investigados brevemente los paradigmas que apoyan el proceso de individualización y aquellos que sustentan el movimiento de las ecovillas, relacionándolos con el concepto de sustentabilidad. La autora considera relevante la reflexión acerca de las bases filosóficas y de valores en que se fundamenta el concepto de sustentabilidad buscando coherencia entre discurso y práctica. Si se busca una condición sustentable, está claro que la condición presente no lo es. La investigación será pautada en una revisión de literatura científica pertinente al tema en cuestión. El presente trabajo no pretende abarcar

ampliamente el tema, y sí esbozar directrices de pensamientos que puedan contribuir para la evaluación de valores y acciones que han sido adoptados al mismo tiempo en que se hace presente el discurso de busca por sustentabilidad. Se supone que, con base en los patrones sociales especialmente de las metrópolis – con destaque a la individualización – el anhelado desarrollo sustentable sea inviable. Ya que, como será discutido, él va más allá de iniciativas puntuales, requiriendo un abordaje más amplio de interdependencia entre los procesos humanos y los ambientales.

PALABRAS-CLAVE Sustentabilidad. Individualización. Ecovillas.

1. INTRODUÇÃO

É relevante pensar as bases filosóficas e de valores em que se fundamenta o conceito de sustentabilidade a fim de buscar coerência entre discurso e prática. Especialmente no que tange às práticas de organização social, já que estas se imprimem no meio físico configurando organizações espaciais, posturas ambientais, condutas culturais e de assuntos econômicos. A população urbana, que hoje supera a rural, merece atenção, já que ao se falar da sociedade contemporânea refere-se a uma maioria que vive em cidades. No contexto de busca pela construção de uma sociedade mais sustentável, é relevante investigar uma qualidade bastante referida para se caracterizar a sociedade urbana pós-moderna: a individualização – a fim de verificar sua contribuição e adequação com a condição sustentável. O mesmo contexto chama atenção para um contraponto à individualização metropolitana, constituído pelo movimento de ecovilas com sua proposta de sustentabilidade baseada na visão sistêmica.

A atual dinâmica do modo de vida urbano – especialmente nos grandes centros - e as discussões de sustentabilidade amplamente difundidas sugerem conexões entre si. Pensar em sustentabilidade é hoje um pressuposto. Mas o que os resultados do modo de vida urbano vigente têm demonstrado e sugerido como base de análise rumo à sustentabilidade? Como o crescente movimento de ecovilas tem contribuído com seu exemplo concreto para propostas consistentes de melhores relações urbanas – sejam elas humanas ou espaciais?

2. OBJETIVOS

Este trabalho visa discutir brevemente a sustentabilidade, a individualização do modo de vida metropolitano contemporâneo e o movimento de ecovilas, a fim de analisar as possíveis relações entre esses conceitos. Partindo da compreensão de que a discussão se desdobra por diversos caminhos, não se pretende aqui, portanto, abarcá-la de modo amplo e conclusivo, mas esboçar diretrizes de pensamentos que possam contribuir para a avaliação dos valores e ações que têm sido adotados ao mesmo tempo em que se faz presente o discurso de busca por sustentabilidade.

Procura-se destacar o aparente antagonismo entre a ideia de sustentabilidade e os paradigmas que sustentam o processo de individualização na metrópole, e a aparente proximidade entre os paradigmas do movimento de ecovilas e os preceitos sustentáveis. Qual base de valores ambientais, políticos, econômicos, humanos, de sociabilidade e de estrutura social aponta de modo mais coerente para o conceito de sustentabilidade?

O envolvimento, a responsabilidade e a consciência coletiva que advêm de se adotar uma postura de fato sustentável revelam um pensamento sistêmico. Considera-se a abordagem sistêmica – que será apresentada adiante - como fundamento para a sustentabilidade.

Não se trata aqui de condenar o modo de vida urbano, mas sim de questionar o estilo de vida associado a ele. Não se trata também de exaltar o modo de vida em comunidades intencionais ou sugerir que são a solução, mas sim de apontar que o movimento de ecovilas tem crescido, e que as práticas e visões de mundo associadas a ele podem indicar mudanças promissoras, formas mais sustentáveis de se estruturar a sociedade, a economia e a preocupação ambiental.

3. MÉTODO DE ANÁLISE

A partir de uma revisão de literatura, serão apresentados e discutidos conceitos de sustentabilidade, de individualização nas metrópoles e de ecovilas. Propõe-se um olhar imbuído das noções de sustentabilidade que serão aqui

apresentadas para analisar a individualização nas metrópoles e o movimento de ecovilas – bem como alguns dos condicionantes e desdobramentos de ambos.

4. SUSTENTABILIDADE

Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: termos em voga em diversas áreas do conhecimento, cujo largo e descuidado emprego acabou por esvaziá-los de seu sentido original. Sentido controverso e frequentemente reinterpretado, cuja origem aponta para a reunião de Fournex, parte do processo preparatório para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente de 1972, pautada na relação entre desenvolvimento e meio ambiente, e considerada marco inicial do caminho intermediário entre o ecologismo intransigente e o economicismo de visão estreita (SACHS, 1993). Desde então maturam-se noções sobre desenvolvimento socioeconômico equitativo ou, como cunhou Sachs em 1973, ecodesenvolvimento, batizado mais tarde de desenvolvimento sustentável – termo utilizado pela primeira vez em 1987 no Relatório Brundtlandt, resultado do trabalho de uma comissão da ONU (BÔLLA, 2012).

Desde o Relatório Meadows, definido pelo Clube de Roma, e a referida Conferência de Estocolmo, ambos em 1972, seguem-se mudanças na percepção da problemática ambiental dentro do contexto de desenvolvimento. Em 1987, com a divulgação do Relatório Brundtlandt, o desenvolvimento sustentável passa a ser fundamentado num tripé: atividade econômica, meio-ambiente e bem-estar social. As dimensões envolvidas no conceito de desenvolvimento sustentável passaram mais tarde a nove, conforme aponta o Ministério do Meio Ambiente (2000).

Segundo Brandão (2007, apud BÔLLA, 2012), a palavra “sustentável” chama atenção a seu oposto, o “insustentável”, que designa aquilo que não pode mais ser mantido, suportado. A ideia de “sustentabilidade” surge contrária ao desequilíbrio, à competição, à destruição, ao domínio, ao individualismo, ao conflito, entre outros valores e atitudes comumente referidos para se caracterizar a sociedade capitalista (BRANDÃO, 2007, apud BÔLLA, 2012), e o desenvolvimento sustentável é aquele que se dá de acordo com os princípios da sustentabilidade.



Afirma Sachs (2007, p.265) que o desenvolvimento deve ter finalidade social justificada pela ética da solidariedade intra e intergerações, por meio da construção de uma “civilização do ‘ser’, na partilha equilibrada do ‘ter’”.

Em 1992 foi realizada na cidade do Rio de Janeiro a Eco 92, nova conferência da ONU na qual foi formulada a Agenda 21, marco do conceito de desenvolvimento sustentável. Para pensar o desenvolvimento sustentável é necessário compreender de que tipo de desenvolvimento está-se falando. Importado da economia e tal como tem sido empregado, o termo “desenvolvimento” assume uma conotação mais próxima de “crescimento”.

Enquanto ‘crescer’ equivale a aumentar de tamanho por meio de assimilação ou acréscimo, ‘desenvolver-se’ significa expandir os potenciais de algo, evoluir para um estado melhor. Dessa forma, observa-se que tais termos são empregados de maneira equivocada, tomando o crescimento como se desenvolvimento fosse. Assim, o desenvolvimento tal como é praticado, trata de uma concepção extremamente reducionista, que ignora os problemas humanos e ambientais, revelando, logo, que a noção de desenvolvimento se apresenta gravemente deturpada. (BÔLLA, 2012, p.69).

O desenvolvimento sustentável “[...] busca conciliar a economia e a qualidade de vida dos humanos, de modo que os impactos decorrentes dos sistemas produtivos não ultrapassem as possibilidades dos sistemas ecológicos de absorvê-los” (BÔLLA, 2012, p.70) mantendo seu equilíbrio. Dada a finitude dos recursos naturais, especula-se que o atual padrão de consumo praticado pelo estilo de vida próprio do modelo capitalista vigente é insustentável, já que o objetivo principal de seu “desenvolvimento” é o crescimento econômico, independentemente dos meios empregados para atingi-lo – logo, é incompatível com o desenvolvimento sustentável (BÔLLA, 2012). Ou, como conclui Boff (2004, p.99): “Esse tipo de sociedade vigente é, sem dúvida, profundamente antiecológico.”

Na atitude de estar *sobre* as coisas e *sobre* tudo parece residir o mecanismo fundamental de nossa atual crise civilizacional. Qual a suprema ironia atual? A vontade de tudo dominar nos está fazendo dominados e assujeitados aos imperativos de uma Terra degradada. A utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida. O sonho de crescimento ilimitado produziu o subdesenvolvimento de dois terços da humanidade [...]. (BOFF, 2004, p.23)

Para que seja praticado o desenvolvimento sustentável, especula-se que além de adotar padrões de consumo e estilos de vida compatíveis com os recursos ecológicos do planeta e a resiliência de seus sistemas naturais, é fundamental rever condutas, bases filosóficas e paradigmas também em relação às dimensões sociais, econômicas e de visão de mundo. Pois o desenvolvimento sustentável não é factível caso não seja contemplado por uma perspectiva sistêmica, isto é, que abrange o todo entendendo que este é mais do que a soma de partes desconexas entre si.

A visão sistêmica pressupõe a interdependência entre as partes, de modo que não é possível compartimentá-las sem comprometer seu entendimento. A “[...] relação [entre as partes é] de complementaridade, e considera-se que a perda do vínculo produz desequilíbrio e destrutividade a todos” (ARAÚJO, 1999). Fritjof Capra discorre sobre a teoria sistêmica:

[...] considera o mundo em função da inter-relação e interdependência de todos os fenômenos; nessa estrutura, chama-se sistema a um todo integrado cujas propriedades não podem ser reduzidas às de suas partes. Organismos vivos, sociedade e ecossistemas são sistemas. (CAPRA, 2006, p.40)

Em seu conceito de “ser-no-mundo”, Martin Heidegger traz a ideia da unidade entre o ser humano e o mundo, que não podem ser entendidos como uma soma de partes, pois para sua verdadeira compreensão é necessário perceber que “[...] a totalidade do todo estrutural não pode ser alcançada fenomenalmente mediante uma montagem de elementos” (HEIDEGGER, 2005, p.244).

A busca por novos referenciais ideológicos se inicia diante da ineficácia dos referenciais vigentes, que, embora mostrem progressos materiais, não dão conta de responder ao crescente mal-estar e à persistente miséria (SACHS, 2007). De acordo com Thomas Kuhn (1998), o indício de que um paradigma precisa ser revisto é não mais se mostrar eficiente para compreender situações e acontecimentos. Como afirmou Albert Einstein (apud BÔLLA, 2012): “não podemos resolver os problemas utilizando a mesma forma de pensar que usamos quando os criamos”.

Quanto mais estudamos os problemas sociais do nosso tempo, mais nos apercebemos de que a visão mecanicista do mundo e o sistema de valores que lhe está associado geraram tecnologia, instituições e estilos de vida profundamente patológicos. (CAPRA, 2006, p.253)

5. INDIVIDUALIZAÇÃO: INDIVIDUALISMO REFORÇADO E ESTABELECIDO COMO COMPORTAMENTO SOCIAL

Muitos dos problemas sociais do nosso tempo estão evidentes nas metrópoles contemporâneas, que frequentemente recebem o atributo de palco da individualização humana. Dentre outros autores, George Simmel e Zygmunt Bauman discorrem sobre o modo de vida metropolitano e sobre a individualização, relacionando-os entre si.

Para Simmel (1987), a modernidade traz consigo uma dualidade que lhe é própria: o aumento da individualização concomitante ao aumento da impessoalidade. O autor explica essa questão com base em dois fatores considerados por ele principais: o dinheiro e a metrópole. “A economia do dinheiro domina a metrópole” (SIMMEL, 1987, p.14), e é responsável por nivelar todas as coisas, expressando “[...] todas as diferenças qualitativas [...] em termos de ‘quanto?’” e embotando o poder de discriminar (p.16). A impessoalidade das relações comerciais se estende para as demais relações interpessoais, que se tornam mais superficiais e instrumentalizadas.

Simmel (1987) considera típico dos metropolitanos a atitude *blasé*, indiferente e incapaz de surpreender-se, resultado dos “[...]estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças [...]são impostos aos nervos. [...]Surge assim a incapacidade de reagir a novas sensações com a energia apropriada”(p.16). Talvez tal comportamento, assim como a atitude de ser “reservado” (p.17), reflete Simmel, seja “[...]a última possibilidade de acomodar-se ao conteúdo e à forma da vida metropolitana”.

A antipatia nos protege de ambos esses perigos típicos da metrópole, a indiferença e a sugestibilidade indiscriminada. Uma antipatia latente e o estágio preparatório do antagonismo prático efetuam as distâncias e aversões sem as quais esse modo de vida não poderia absolutamente ser mantido. (SIMMEL, 1987, p.18).

A metrópole põe em contato diferenças, permitindo sua relativização e, assim, maior liberdade de ação individual. “Enquanto em um vilarejo pré-moderno a diferença seria motivo de desconfiança, na metrópole moderna ela é tolerada – ou exigida, na medida em que é o exercício do individualismo” (MOCELLIM, 2007, p.103). O exercício das particularidades naturais de cada ser humano passou a ser encorajado com o advento da modernidade – o que é positivo, não fossem exageros e distorções.

Na atual realidade sociocultural, as cidades atuam não como “receptáculo passivo”, mas como “produtoras de novas formas de sociabilidade e interação social” (VELHO, 1995). A construção dos estilos de vida urbanos das metrópoles moderno-contemporâneas iniciou-se no contexto da expansão do capitalismo pós-Revolução Industrial. O “[...] projeto filosófico da modernidade, de autonomia do sujeito centrado e racional, repercute nas práticas e nos valores compartilhados pelos habitantes das cidades grandes, atualizando o *estilo de vida urbano*” (MATTOS, 2012, p.118). Sobre o modo de viver nas metrópoles, Velho (1995, p.232) afirma que “[...] é a expressão mais radical dos processos de individualização da modernidade”.

As características do metropolitano apontadas por Simmel e aqui apresentadas, são, portanto, forjadas no contexto social e econômico das grandes cidades (MATTOS, 2012).

Pois a reserva e indiferença mútuas, as condições espirituais de vida dos círculos maiores, nunca foram sentidas tão fortemente, no que diz respeito ao seu resultado para a independência do indivíduo, do que na densa multidão da cidade grande, porque a estreiteza e proximidade corporal tornam verdadeiramente explícita a distância espiritual. Decerto é apenas o reverso dessa liberdade se, sob certas circunstâncias, em nenhum lugar alguém se sente tão solitário e abandonado como precisamente na multidão da cidade grande; pois aqui, como sempre, não é de modo algum necessário que a liberdade do ser humano se reflita em sua vida sentimental como um sentir-se bem. (SIMMEL, 2005, p. 585).

O exercício da individualidade exaltada na vida nas metrópoles implicaria, então, o anonimato e a fragmentação da experiência social (VELHO, 1995). Acerca dessa fragmentação social, Simmel se refere “[...] à brevidade e escassez dos

contatos inter-humanos conferidos ao homem metropolitano, em comparação com o intercâmbio social na pequena cidade.” (SIMMEL, 1987, p.23).

Zygmunt Bauman divide a modernidade em dois momentos: a modernidade sólida e a modernidade líquida. A primeira, caracteriza-se pela ideia do projeto moderno, que propõe o controle do mundo pela razão promovendo seu ordenamento técnico e racional. Na modernidade sólida tudo deveria ser conhecido e categorizado, e as ambivalências eliminadas, para que se pudesse controlar (MOCELLIM, 2007). A falência do projeto moderno deu-se com a descoberta de que “seus nobres meios racionais levaram a fins catastróficos” – por exemplo, os campos de concentração e a tragédia nuclear (MOCELLIM, 2007, p.105). Associada ao desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação, emerge a modernidade líquida, que, caracterizada pela fluidez e velocidade, apresenta o solapamento do tempo e do espaço por meio de tecnologias e novo modo de vida. “No mundo sólido dos Estados-Nações toda diferença era vista com desconfiança, ao passo que no mundo líquido a diferença se torna exigência: todos devem ser indivíduos particulares” (MOCELLIM, 2007, p.106).

Bauman destaca a dificuldade enfrentada pelos membros dessa sociedade individualizada para realizar sua “individualidade *de facto*” – o que soa paradoxal, uma vez que manifestar a singularidade em um meio que a encoraja parece tarefa simples. Nesse contexto, o autor associa a busca pela preservação e renovação da individualidade à lógica do consumismo. A afirmação da individualidade alimenta-se do consumo de “edições limitadas”, que se esgotam rapidamente para logo surgirem outras ainda mais exclusivas e “necessárias” (BAUMAN, 2007). Acerca desse modelo consumista instaurado para “emancipação para a individualidade”, o autor questiona:

Nos perguntamos em que medida barrar a individualidade de muitos é condição *sine qua non* para a individualidade de alguns, ou se a individualidade, em sua presente versão, *pode* ser outra coisa que não um privilégio. (BAUMAN, 2007, p.40)

Bauman (2007) cita John Reader, apontando que para que todas as pessoas da Terra pudessem viver com o conforto em que vive um cidadão norte-americano, seria necessário não apenas um, mas três planetas. E conclui:

“Encontrar dois outros planetas além do que temos não é algo muito provável - assim como não o é, por essa razão, a expectativa de melhorar as condições dos habitantes do planeta segundo o modelo da sociedade individualizada.” (BAUMAN, 2007, p.39)

6. ECOVILAS: PROPOSTAS DE NOVOS PARADIGMAS

Diante da insatisfação com muitos paradigmas vigentes na sociedade contemporânea – em especial a ocidental – têm se destacado pensadores, grupos e movimentos que buscam novos caminhos. Dentre eles está o crescente movimento das ecovilas, comunidades intencionais rurais ou urbanas questionadoras da raiz das crises contemporâneas e que buscam transformações profundas de padrões cristalizados em diversos âmbitos. Tais comunidades buscam viver de acordo com novas propostas de ideais, valores éticos de harmonia com a natureza e com os seres humanos.

Para Braun (2005, p.39, apud BÔLLA, 2012, p.87): “as ecovilas são comunidades intencionais baseadas num modelo ecológico que focaliza a integração das questões culturais e socioeconômicas como parte de um processo de crescimento espiritual compartilhado”. O mesmo autor afirma que o movimento – considerado ecológico, político, econômico, espiritual e social - “[...]configura a procura por um estilo de vida baseado na harmonia entre as ecologias externa e interna”. A Rede Global de Ecovilas (GEN), criada em 1995, define ecovilas como “comunidades urbanas ou rurais de pessoas esforçadas em desenvolver um ambiente social favorável causando o menor impacto possível à vida, à natureza” (BÔLLA, 2012, p.87).

Sistematizado em 1995 em Findhorn, na Escócia, o conceito de ecovila como movimento foi uma resposta às pautas da Eco 92 sobre a necessidade de mobilizar o planeta em direção a uma sociedade sustentável (BISSOLOTTI, 2004). Em 1998 a ONU classificou as ecovilas Cristal Waters da Austrália, Lebensgarten da Alemanha e Findhorn da Escócia como “modelos de excelência de vida sustentável”, e entraram na “Lista das 100 melhores práticas para a sustentabilidade” (BÔLLA,

2012). Findhorn, referência internacional, foi fundada há 53 anos e possui aproximadamente de 400 moradores.

No Brasil, uma das referências é a Ecovila Terra Una, em Liberdade, Minas Gerais. Cadastrada na Rede de Ecovilas das Américas e vinculada ao projeto global Gaia Education, já foi objeto de estudos acadêmicos, como o trabalho de Bôlla (2012) aqui referido. A autora relata o empenho dos moradores de Terra Una em promover saúde e bem-estar para si e para o planeta, satisfeitos por contribuir para a sustentabilidade local e, por consequência, a global (p.179). A partir das entrevistas realizadas com moradores da Ecovila Terra Una, Bôlla (2012, p.171) destaca que

[...] morar em ecovila não significa garantia de felicidade, assim como fora dela, de infelicidade. No entanto, o ambiente em Terra Una, com seus princípios e valores compartilhados, cercado por natureza e afetividade, confiança e honestidade, onde quem ali vive é consciente de suas responsabilidades com o planeta, incluindo para consigo mesmo, é visto por eles como propício à felicidade.

Ainda sobre a felicidade, a autora pontua que

Apareceu também a felicidade como um sentimento não egoísta que provém do uso da energia em favor do coletivo, pela consideração de que cada um faz parte do todo e, portanto, estar-se-á gerando felicidade para si também. A felicidade, nessa perspectiva, está relacionada à espiritualidade, na medida em que ser feliz depende do sentimento de conexão com o todo ou com o sagrado. Nesse sentido, percebe-se que a felicidade em Terra Una não deriva do consumismo, do ter, mas sim do ser, de uma vida condizente com a essência humana, com os valores primordiais que permeiam cada ser [...]. (BÔLLA, 2012, p.169)

O tamanho e número de integrantes de uma ecovila é pequeno “[...] o suficiente para estabelecer ligações de proximidade e é grande o suficiente para fornecer diversidade” (ALGARVIO, 2010, p.31).

Regressar a uma escala mais humana não significará um retorno ao passado, mas exigirá, pelo contrário, o desenvolvimento de novas e engenhosas formas de tecnologia e organização social. (CAPRA, 2006, p.389)

Há diferenças físicas e organizacionais entre ecovilas, entretanto todas partilham de ideais de comunitarismo e sustentabilidade (SANTOS JR, 2006). Bôlla (2012, p.91), referindo-se a Braun (2005), elenca princípios comuns das ecovilas: ecologia, agricultura e alimentação orgânica, tecnologias alternativas, dinheiro alternativo, arquitetura ecológica, permacultura, descentralização espacial, integração social, espiritualidade, desenvolvimento sustentável, governança circular, empoderamento e decisões por consenso. Segundo Bissolotti (2004), as ecovilas baseiam-se em uma visão de mundo sistêmica e holística, com abordagem integrativa dos aspectos ambiental, social, econômico, político, humano.

Na direção desta abordagem, Sachs (2007) propõe que o conceito de desenvolvimento sustentável seja substituído pelo termo “desenvolvimento integral”, a partir da necessidade de o desenvolvimento integrar, além da dimensão econômica, também a social, a política, a cultural, a ecológica. A noção de desenvolvimento integral incita e pressupõe a construção de novos paradigmas, por ser incompatível com a organização social e os valores da atual sociedade capitalista globalizada.

A abordagem sistêmica e integral remete à ecologia profunda, que surge “[...] como uma base de sustentação filosófica para fundamentar a necessidade de um novo sentido para a relação entre ser humano e natureza, resgatando a ligação profunda e espiritual entre ambos” (BÔLLA, 2012, p.37). Concebida no início da década de 1970 pelo filósofo norueguês Arne Naess, a ecologia profunda difere da ecologia rasa – a tradicional – por não ser antropocêntrica, ou seja, o homem não é visto “sobre” a natureza, mas “dentro” dela. Não é dominante ou principal ou superior, mas, assim como todos os outros seres, ele é um dos fios da grande teia, uma das partes do todo. Assim, não há relação de domínio, mas de pertencimento.

A nova visão da realidade é uma visão ecológica num sentido que vai muito além das preocupações imediatas com a proteção ambiental. Para enfatizar esse significado mais profundo de ecologia, filósofos e cientistas começaram a fazer uma distinção entre ‘ecologia profunda’ e ‘ambientalismo superficial’. Enquanto o ambientalismo superficial se preocupa com o controle e a administração mais eficientes do meio ambiente natural em benefício do ‘homem’, o movimento da ecologia

profunda exigirá mudanças radicais em nossa percepção do papel dos seres humanos no ecossistema planetário. (CAPRA 2006, p.403)

O movimento de ecovilas pauta-se, portanto, em novas propostas de sociabilidade e de estrutura social, de economia e de ambientalismo, e de visão de mundo. Por esse motivo, constituem-se importantes referências e apontam uma direção para um desenvolvimento sustentável, ou, para além disso, o desenvolvimento integral, proposto por Sachs.

O movimento de ecovilas propõe a afirmação das individualidades – particularidades naturais de cada ser – a serviço do coletivo, reforçando a ideia de que a importância do todo não é maior do que a das partes, uma vez que há a consciência de valorização do individual para que o grupo possa evoluir em equilíbrio. Além disso, o referido movimento preconiza viabilizar a concretização das potencialidades individuais, buscando oferecer campo para que se manifestem de modo saudável, o que contribui para a realização individual.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se está-se buscando uma condição sustentável, fica assumido que a condição presente não o é. Para vigorar uma situação sustentável, a busca por caminhos, ações e soluções deve estar fundamentada em uma base de valores condizentes.

A vida urbana em si não é obstáculo para tal objetivo mas há fortes indícios de que o estilo de viver urbano contemporâneo relacionado a ela o seja. Padrões sociais construídos à luz de competição, impessoalidade, economia do dinheiro, lógica do consumo, indiferença, fragmentação das experiências sociais, são associados por diversos autores direta e frequentemente à vida atual nas metrópoles. Padrões que influenciam não apenas posturas e condutas, mas refletem na lógica de pensamento do sujeito, redesenhando contornos de sua base de crenças.

Bauman e Simmel convergem seus argumentos acerca do que reforça a individualização. Bauman refere-se à lógica do consumo e Simmel, à economia do

dinheiro. Logo, ambos fazem menção ao padrão capitalista cristalizado, que acaba por ditar regras em outros âmbitos das relações humanas que não só o econômico.

A visão fragmentação é incentivada na organização e especialização do trabalho, mas também em outros campos, como nas relações sociais – destacada por Velho (1995) e citada neste trabalho. Esta visão em muito se distancia do propósito sustentável, próximo de ideais de integração, como sugerem a abordagem sistêmica e a ecologia profunda – estruturadoras dos paradigmas firmados pelo movimento de ecovilas. Tais comunidades intencionais apresentam preocupações que vão além da sustentabilidade ecológica – ainda pautada nos paradigmas antropocêntricos da ecologia rasa -, buscando um entendimento mais profundo da vida, do mundo e do ser humano, a fim de praticar o desenvolvimento integral (BÔLLA, 2012). Buscam desenvolver ambiente social saudável, integração e menor impacto possível à natureza, aperfeiçoamento das relações interpessoais, propostas de uma nova economia, autoconhecimento e espiritualidade.

Objetivou-se, neste trabalho, pontuar questões oriundas do conceito de sustentabilidade e investigar brevemente os paradigmas que apoiam o processo de individualização – padrão social encorajado pelo modo de vida metropolitano contemporâneo - e aqueles que sustentam o movimento de ecovilas, relacionando-os com o conceito de sustentabilidade.

Especula-se que a sustentabilidade não possa ser “compartimentada”, isto é, que não é possível que algo seja sustentável se só o for sob um ou dois aspectos. Especula-se, ainda, que, com base nos padrões sociais firmados especialmente nas metrópoles – com destaque para a individualização exacerbada aqui apresentada -, o desenvolvimento sustentável seja inviabilizado. Pois, como discutido, ele vai além de iniciativas pontuais e requer abordagem ampla de interdependência entre processos humanos e ambientais – presente nas propostas do movimento de ecovilas.

Considera-se, portanto, que o referido movimento oferece importantes referências na construção de um desenvolvimento sustentável – “desenvolvimento” aqui entendido como evolução para um estado melhor, expansão dos potenciais, e não como “crescimento”, aumento de proporções físicas e de valores monetários.



Não se pretendeu aqui abarcar amplamente o tema, mas esboçar diretrizes de pensamentos que contribuam para avaliação de valores e ações adotados ao mesmo tempo em que se faz presente o discurso de busca por sustentabilidade.

8. REFERÊNCIAS

ALGARVIO, Iuri Cristóvão Cavaco. **Ecoaldeias: práticas para um futuro sustentável**. Dissertação. Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura. Lisboa, 2010. 157 p.

ARAÚJO, Miguel Almir J. **Abordagem holística na educação**. In: Sitientibus, n.21, jul/dez 1999. p.159-176. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/21/abordagem_holistica_na_educacao.pdf> Acesso em: maio de 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 210 p.

BISSOLOTI, Paula Miyuki Aoki. **Ecovilas: Um Método de Avaliação de Desempenho da Sustentabilidade**. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, 2004. 147 p.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos pobres**. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 319 p.

BÔLLA, Kelly Daiane Savariz. **Perspectivas da visão transdisciplinar holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da Ecovila Terra Uma, Liberdade – MG**. Dissertação. Universidade do Extremo Sul Catarinense – Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais. Criciúma, 2012. 200 p.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. 26 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. 447 p.

GEN. Global Ecovillage Network. Disponível em: < <http://gen.ecovillage.org/>> Acesso em: maio.2015.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 325 p.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5 ed. Editora Perspectiva, 1998. 260 p.

MATTOS, Amana Rocha. **Experiência de liberdade e individualidade nas grandes cidades: contribuições de Georges Simmel para o debate contemporâneo**. Revista Psicologia para América Latina, n.23, p.111-125. 2012. 15 p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Agenda 21 Brasileira: Bases para discussão**. Washington Novaes (Coord.) Otto Ribas e Pedro da Costa Novaes. Brasília: MMA/PNUD 2000.

MOCELLIM, Alan. **Simmel e Bauman: modernidade e individualização**. Em Tese: Revista eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol.4, n.1 (1), agosto-dezembro/2007. 17 p.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI**. In: Para pensar o desenvolvimento sustentável. 1 ed. Org.: Marcel Bursztyn. São Paulo: Ed Brasiliense, 1993. 28 p.



_____. In: Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil. 1 ed. Org.: Elimar Pinheiro do Nascimento e João Nildo Vianna. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. 21 p.

SANTOS JR, Severiano José dos. **Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo**. In: Encontro da ANPPAS, III, 2006, Brasília – DF. Anais... Brasília: Associação Nacional Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2006. p.1-16.

SIMMEL, George. **A Metrópole e a Vida Mental**. In: O Fenômeno Urbano. 2.ed. Org.: Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987. 14 p.

SIMMEL, George. **As grandes cidades e a vida do espírito** [1903]. In: Mana, Estudos de Antropologia Social, 11(2), 2005. p. 577-591.

VELHO, Gilberto. **Estilo de vida urbano e modernidade**. In: Estudos Históricos, v.8, n.16. Rio de Janeiro: 1995. 7 p.